

XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXV ENANCIB

GT 9 – Museu, Patrimônio e Informação

INDICADORES DE DIVERSIDADE NO CONTEXTO DA DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA

DIVERSITY INDICATORS IN THE CONTEXT OF MUSEUM DOCUMENTATION

Renata Cardozo Padilha – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Thainá Castro Costa – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Beatriz Tarré Alonso – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Letícia Felix Voltolini – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Dalton Lopes Martins – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Este artigo discute a necessidade de uma atualização crítica na documentação museológica, com foco em práticas, ferramentas e vocabulários que buscam representar com mais justiça e pluralidade as diversas identidades sociais, culturais e políticas refletidas nos acervos. A partir de uma abordagem qualiquantitativa, de natureza básica e descritiva, a pesquisa analisa como a linguagem usada nos processos de descrição pode reforçar ou combater estigmas e exclusões, especialmente em relação às questões de gênero, raça e diversidade sexual. Para isso, são exploradas iniciativas como o projeto DE-BIAS e glossários específicos, que propõem vocabulários sensíveis e metodologias participativas voltadas à correção de distorções históricas nos dados museológicos. A ausência de categorias voltadas à diversidade sociocultural em padrões de metadados também é discutida, evidenciando a urgência de revisão desses instrumentos. Ao reunir experiências internacionais e diretrizes editoriais inclusivas, o estudo aponta caminhos para uma documentação museológica mais ética, representativa e comprometida com a justiça social e a pluralidade cultural.

Palavras-chave: documentação museológica; representatividade; decolonialidade.

Abstract: This article discusses the need for a critical update in museum documentation, focusing on practices, tools, and vocabularies that seek to more justly and pluralistically represent the diverse social, cultural, and political identities reflected in collections. Using a qualitative-quantitative approach of a basic and descriptive nature, the research analyzes how the language used in description processes can either reinforce or combat stigmas and exclusions, particularly concerning gender, race, and sexual diversity issues. In doing so, initiatives such as the DE-BIAS project and specific glossaries are explored, proposing sensitive vocabularies and participatory methodologies aimed at correcting historical distortions in museum data. The absence of categories focused on sociocultural diversity in metadata standards is also discussed, highlighting the urgency of revising these instruments. By gathering international experiences and inclusive editorial guidelines, the study outlines paths for more ethical, representative museum documentation committed to social justice and cultural plurality.

Keywords: museum documentation; representativeness; decoloniality.

1 INTRODUÇÃO

Historicamente, a catalogação de acervos em museus, arquivos e instituições de patrimônio cultural, especialmente nas regiões da Europa e das Américas, tem sido conduzida sob perspectivas hegemônicas, que privilegiam visões eurocentradas e normativas. Essa abordagem resultou na exclusão de saberes e identidades, perpetuando registros desatualizados e excludentes (DE-BIAS, 2025).

Apesar do crescente reconhecimento da necessidade de revisar tais registros, os desafios permanecem consideráveis: grandes volumes de dados, escassez de recursos e a falta de representatividade nas equipes responsáveis pela documentação. Nesse contexto, a documentação museológica, que envolve a organização, registro e disseminação informacional dos acervos, precisa ir além de sua função descritiva tradicional, assumindo um papel ativo na promoção de práticas museológicas inclusivas.

Além disso, a padronização excessiva tem sido amplamente criticada por marginalizar saberes indígenas, identidades queer e epistemologias locais, ao reforçar categorias binárias e modelos eurocêntricos de classificação (Renshaw; Liew, 2021). Nos museus, isso ocorre quando se usam sistemas de catalogação e descrição baseados quase exclusivamente em padrões eurocêntricos ou binários, sem espaço para representações mais plurais. Por isso, torna-se imprescindível adotar ferramentas que favoreçam descrições mais sensíveis e representativas, como a iniciativa GLAM-Wiki, que propõe metodologias participativas e decoloniais.

A literatura reforça que as comunidades devem ter controle sobre as informações que as representam, promovendo práticas pautadas por princípios de conhecimento tradicional, ética e responsabilidade (Montenegro, 2019). Em meio ao fortalecimento dos movimentos sociais e à ampliação do campo museológico, é urgente uma revisão paradigmática nas práticas e ferramentas da museologia, especialmente no que diz respeito aos seus indicadores de gênero, raça e diversidade sexual (Lopes; Padilha; Ladeia, 2021).

A documentação museológica é um eixo estratégico para o funcionamento institucional, tanto em termos administrativos quanto museográficos (Loureiro, 2008). No Brasil, porém, a única referência normativa voltada à padronização de metadados é o Inventário Nacional de Bens Culturais Musealizados (INBCM), instituído pela Resolução Normativa nº 6, de 31 de agosto de 2021, e coordenado pelo Instituto Brasileiro de Museus

(IBRAM). No entanto, esse instrumento não foi concebido com esse propósito e por isso demanda revisão. A falta de diretrizes que reflitam as diversas realidades sociais brasileiras evidencia a necessidade de uma atualização que inclua vozes plurais e saberes alternativos.

Fundamentado em princípios éticos, legais e sociais, este trabalho propõe uma abordagem teórico-metodológica para os processos de documentação museológica, desafiando as estruturas coloniais que perpetuam desigualdades, exclusões e o racismo estrutural¹ (Lopes; Padilha; Ladeia, 2021).

Diante desse contexto, a presente pesquisa tem como objetivo mapear o estado da arte da documentação museológica com foco na representação da diversidade nos acervos, por meio de três eixos principais: (1) revisão crítica da produção acadêmica e institucional sobre o tema; (2) mapeamento de projetos e vocabulários que abordam diversidade; e (3) análise comparativa de modelos de metadados utilizados internacionalmente e no Brasil, com ênfase no Inventário Nacional de Bens Culturais Musealizados (INBCM).

2 METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem qualiquantitativa, proporcionando uma visão abrangente sobre as temáticas analisadas. No que se refere aos procedimentos metodológicos, classifica-se como uma pesquisa de natureza básica, com o objetivo de produzir novos conhecimentos que contribuam para o avanço científico. Em termos de objetivo, trata-se de uma pesquisa descritiva, pois busca caracterizar o fenômeno investigado, estabelecendo relações entre variáveis (Hernández; Fernández; Baptista, 2014). Para atender ao seu propósito, optou-se pela abordagem de estado da arte, uma técnica de pesquisa documental que possibilita o mapeamento, a sistematização e a análise do conhecimento acumulado sobre um tema específico (Romanowski; Ens, 2006).

A metodologia adota três etapas principais: (1) análise do estado da arte sobre diversidade nos acervos; (2) identificação de projetos e vocabulários relacionados; e (3) levantamento e análise comparativa dos metadados internacionais, incluindo o INBCM do

¹ O conceito parte da ideia de que o racismo não é um desvio ou anomalia social, mas um componente constitutivo do funcionamento da sociedade. Ele está entranhado na organização econômica, política e cultural, orientando práticas, normas e instituições de forma a manter e reproduzir desigualdades raciais. Assim, o racismo atua como uma lógica e uma tecnologia social que dá sentido às relações de poder e sustenta formas históricas e contemporâneas de exclusão e violência. Por isso, abordagens que o tratam apenas como preconceito individual ou como discriminação isolada são vistas como parciais, pois não captam sua dimensão estrutural e sistêmica (Almeida, 2019).

contexto brasileiro. A base teórica do estudo dialoga com reflexões sobre a função social, cultural e educativa da museologia (Camargo-Moro, 1986; Ferrez, 1994) e destaca a importância da catalogação e da representação informacional na organização dos acervos (Bottallo, 2010; Padilha, 2014)².

3 GÊNERO, RAÇA, DIVERSIDADE SEXUAL E CULTURAL NOS ACERVOS MUSEOLÓGICOS: PERSPECTIVAS CRÍTICAS E TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS

A abordagem contemporânea da diversidade nos museus exige a consideração de múltiplas dimensões estruturais de subordinação, conforme propõe Crenshaw (2002) e Sifuentes (2022) ao conceituar a interseccionalidade como uma forma de captar as consequências dinâmicas e estruturais da interação entre eixos de opressão como o racismo, o patriarcado e a opressão de classe. Essa perspectiva é fundamental para compreender como desigualdades básicas moldam as posições relativas de mulheres, pessoas racializadas, etnias, classes e grupos historicamente marginalizados nos espaços museológicos.

Nesse sentido, as discussões decoloniais desempenham um papel central ao explicitar as formas como museus e outras instituições culturais perpetuaram epistemologias coloniais e sistemas de poder excludentes (Barriandos, 2019). A literatura sobre decolonização analisa criticamente as estruturas de conhecimento herdadas do colonialismo, reconhecendo os povos indígenas como sujeitos históricos com sistemas culturais, sociais e políticos autônomos, frequentemente desconsiderados pelas práticas museológicas tradicionais (Anderson, 2019; Moses, 2024). A esse respeito, Walter e Prehn (2023) e Jones e Taylor (2024) reforçam o direito dos povos originários de governar a coleta, posse e aplicação dos dados que lhes dizem respeito, enfatizando o reconhecimento dos dados como ativos culturais e econômicos.

Em consonância com essas abordagens, museus vêm sendo convocados a revisar seus discursos e práticas de representação. Prado (2023) e Silva; Macena; Jorente (2025) também evidenciam como a desigualdade de gênero³ se manifesta na configuração dos acervos

²A identificação dos projetos, assim como dos vocabulários que tratam de questões relacionadas à diversidade, foi realizada a partir de pesquisas desenvolvidas no âmbito do projeto “Documentação Museológica e os Desafios Contemporâneos”, desenvolvido pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) em parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e com o apoio da Fundação de Estudos e Pesquisas Socioeconômicas (FEPESE).

³O conceito de *gênero*, tal como utilizado em debates contemporâneos sobre desigualdade, tem origem na crítica ao sexismo — termo que surgiu nos Estados Unidos, na década de 1960, para descrever atitudes e práticas discriminatórias contra mulheres, em paralelo ao termo *racismo*. Inicialmente associado às distinções biológicas

museológicos, ao mesmo tempo em que ressalta as lutas históricas do movimento feminista por visibilidade e legitimação no campo artístico.

A crítica ao cânone artístico ocidental, sustentado por lógicas androcêntricas e patriarcais, é também destacada por Pereira (2017) e Versiani (2023), que denunciam como os museus continuam sendo pilares das narrativas dominantes. Para responder a esse desafio, torna-se necessário repensar os discursos museais a partir do respeito à pluralidade (González-Sanz; Feliu, 2015).

Para que os museus se tornem verdadeiramente inclusivos, é necessário que desenvolvam uma sensibilidade proativa à diversidade em todas as suas dimensões: nos acervos, nas narrativas, nas funções sociais, nos públicos, nos programas educativos e nas políticas institucionais (Asensio Brouard; Santacana Mestre; Fontal Merillas, 2016; Marras; Gerolama; Mureddu; Romoli, 2016; Thomson; Elsdén; Chatterjee, 2023; Okawati; Karpinski, 2024). Isso implica, como apontam Lago e Sánchez (2015), assumir uma responsabilidade coletiva com todas e todos, em sua diversidade sexual, cultural, social, geográfica, geracional e educacional, desenvolvendo ações em chave de cooperação e diálogo com as comunidades.

O museu como espaço social precisa assumir sua função democrática com duplo enfoque: ao mesmo tempo em que deve incluir as populações vulnerabilizadas nos processos de formação patrimonial, deve também resgatar criadores excluídos dos discursos hegemônicos (Real López, 2022; Cuesta; Pazos-López, 2024). Ao fazer isso, combate os silêncios e reconfigura os vínculos de pertencimento e identificação entre museu e sociedade.

Nesse processo, é essencial que os museus sejam autocríticos quanto às narrativas que constroem e às palavras que utilizam, buscando incluir vozes diversas e evitando termos que reproduzam estigmas ou invisibilizem contextos culturais específicos (Modest; Lelijveld, 2018; Medda, 2024; Oldenzel, 2024). A transformação institucional, portanto, passa por revisar profundamente os discursos museológicos tradicionais, questionando seus fundamentos e abrindo-se a outras formas de conhecimento, representação e participação.

entre os sexos, o termo *gênero* passou a ser adotado para enfatizar as dimensões sociais, culturais e psicológicas dessas distinções, deslocando o foco da biologia para construções sociais. Essa mudança de vocabulário também reflete uma tentativa de romper com visões que reduzem as mulheres a objetos sexuais ou a papéis tradicionalmente atribuídos. Assim, *gênero* passou a ser uma categoria analítica central para compreender as desigualdades estruturais entre homens, mulheres e outras identidades, revelando como diferenças percebidas são historicamente construídas e mantidas por sistemas de poder (Williams, 1985).

Como ressalta Nascimento (2021), o museu pode ser um aliado essencial na construção de uma sociedade mais igualitária — racial, social e culturalmente. Essa função educativa se concretiza com o compromisso constante com as mudanças legislativas, epistemológicas e sociais que interpelam os museus como agentes de transformação.

4 PROJETOS, PUBLICAÇÕES, VOCABULÁRIOS E FERRAMENTAS RELACIONADAS COM OS INDICADORES DE DIVERSIDADE SOCIO-CULTURAL

A documentação museológica tem buscado incorporar maior diversidade e representatividade, especialmente em relação a gênero, raça e sexualidade. Esta seção apresenta iniciativas e vocabulários desenvolvidos para tornar os metadados mais inclusivos e críticos, destacando ferramentas que enfrentam preconceitos, estereótipos e invisibilidades nas descrições de acervos.

4.1 Projetos de relevância internacional

Diversos projetos têm se destacado por promover abordagens críticas, inclusivas e descolonizadoras na documentação museológica e patrimonial. O *Invisible Inventories: Questioning Kenyan Collections in Western Museums*⁴, exibido no Weltkulturen Museum, na Alemanha, criou uma base de dados colaborativa com mais de 32.000 objetos de origem queniana presentes em coleções ocidentais, refletindo sobre injustiças históricas e incentivando a restituição cultural. Já o *The Women Writers Project*⁵ (WWP) se dedica à transcrição e análise de textos de escritoras entre 1770 e 1830, revelando lacunas nos metadados históricos e desafiando narrativas dominantes sobre a autoria feminina. O *Projeto Tuktuk e Nogak* documenta o conhecimento tradicional dos povos Inuit no Canadá, Groenlândia e Alasca, estruturando metodologias de preservação cultural e discutindo a sub-representação do saber indígena em acervos museológicos (Thorpe *et al.*, 2001). Por fim, o *Canadian Museum for Human Rights* (CMHR) apresenta exposições como *Aboriginal Women and the Right to Safety and Justice*, que utilizam a autoridade compartilhada e a arte indígena para questionar identidades nacionais e ampliar a representação de vozes marginalizadas (Anderson, 2019).

⁴<https://artafricamagazine.org/invisible-inventories-questioning-kenyan-collections-in-western-museums-at-weltkulturen-museum-frankfurt-germany/>.

⁵<https://cssh.northeastern.edu/nulab/www/>.

4.2 Publicações, ferramentas e vocabulários

As publicações e marcos teóricos que fundamentam a discussão sobre documentação crítica e inclusiva nos museus abordam desde os discursos linguísticos até metodologias práticas de catalogação. Williams (1985), em *Keywords: A Vocabulary of Culture and Society*, propõe uma análise crítica da linguagem cultural e social, essencial para refletir sobre os termos usados nos acervos museológicos. Gallois (2006), com apoio do Iepé, desenvolveu um modelo de gestão e valorização dos patrimônios culturais indígenas dos povos do Amapá e norte do Pará, ressaltando a importância da linguagem e dos saberes tradicionais. Já Kaiser e Madruga (2024) propõem uma metodologia de identificação de objetos de contexto colonial por meio da análise combinada de localidade, data e fornecedor, promovendo uma catalogação crítica e contextualizada. Complementando esse debate, os documentos *Archives for Black Lives in Philadelphia: Anti-Racist Description Resources* (Antracoli et al., 2020) e *Report to the Archivist - The Archivist's Task Force on Racism* (National Archives, 2021; Ferriero, 2021) evidenciam o papel da linguagem arquivística na reprodução ou combate ao racismo institucional.

Diversas iniciativas internacionais têm se dedicado à promoção de linguagens mais inclusivas, justas e representativas nos campos da cultura, arquivos e museus. O projeto *DE-BIAS Tool & Vocabulary*⁶ – desenvolvido em cinco idiomas – por instituições como Katholieke Universiteit Leuven (KU), European Centre for Cultural Organisation and Management (ECCOM) e parceiros europeus, propõe uma metodologia participativa para identificar, corrigir e prevenir linguagem prejudicial em coleções digitais. Entre seus materiais estão o *DE-BIAS Vocabulary and Knowledge Graph*⁷, a tipologia *Bias types and patterns: a typology applied to Europeana use cases* (Masschelein et al., 2024), além de guias como *Top 5 tips for using the DE-BIAS vocabulary*⁸; *Top 5 tips for creating and adding to the DE-BIAS vocabulary*⁹; *Detecting and Cur(at)ing Harmful Language in Cultural Heritage Collections*¹⁰; *How to use the*

⁶ <https://pro.europeana.eu/page/the-de-bias-vocabulary>.

⁷ https://pro.europeana.eu/files/Europeana_Professional/Projects/de_bias_vocabulary/TechnicalDocumentation_DE-BIAS_VocabularyKnowledgeGraph.pdf.

⁸ https://pro.europeana.eu/files/Europeana_Professional/Projects/debias/Top5List_DE-BIASVocabulary_Use.pdf

⁹ https://pro.europeana.eu/files/Europeana_Professional/Projects/debias/Top5List_DE-BIASVocabulary_CreationEdition.pdf.

¹⁰ https://pro.europeana.eu/files/Europeana_Professional/Projects/de_bias_vocabulary/DE-BIAS_vocabulary_presentation_slides.pdf.

*DE-BIAS Tool Guidelines*¹¹; *How to contribute to the DE-BIAS vocabulary - Editorial Guidelines*¹²; *Representing diversity in metadata*¹³ e *A community engagement methodology: resources, reflections, recommendations* (Milano et al., 2024). O guia *Words Matter* (Modest; Lelijveld, 2018) analisa criticamente terminologias eurocêntricas, racistas e capacitistas, propondo alternativas mais inclusivas para museus e arquivos. O *Homosaurus*¹⁴ é um vocabulário internacional em dados vinculados voltado à comunidade LGBTQIA+, promovendo visibilidade e representação adequadas. A plataforma *Cultural Heritage Network Terminology*¹⁵ (CHNTUK) oferece diretrizes atualizadas sobre equidade, diversidade e inclusão. O *The Decolonial Dictionary*¹⁶ propõe terminologias decoloniais para romper com categorias coloniais tradicionais. O *Holocaust Lexicon – Yad Vashem*¹⁷ oferece um glossário detalhado sobre o Holocausto, buscando combater distorções históricas. O *Translate Hate Glossary*, do American Jewish Committee (AJC), define termos frequentemente usados em discursos de ódio para promover uma linguagem mais consciente¹⁸. O *Disability Language Style Guide*¹⁹, do National Center on Disability and Journalism, orienta para uma linguagem precisa e respeitosa sobre deficiência. Por fim, a *Inclusive Language Guidelines* da Stanford University²⁰ reúnem recomendações para evitar linguagem discriminatória e promover ambientes mais inclusivos em espaços profissionais.

5 PADRÕES DE METADADOS PARA ACERVOS CULTURAIS: ESTRUTURAS, APLICAÇÕES E ANÁLISE COMPARATIVA

Vários padrões internacionais de metadados têm sido desenvolvidos com o objetivo de descrever e organizar acervos culturais. Entre os mais relevantes estão o Spectrum, LIDO,

¹¹ https://pro.europeana.eu/files/Europeana_Professional/Projects/debias/DE-BIAS_tool_technical_documentation.pdf

¹² https://pro.europeana.eu/files/Europeana_Professional/Projects/de_bias_vocabulary/DE-BIAS_vocabulary_editorial_guidelines.pdf

¹³ https://pro.europeana.eu/files/Europeana_Professional/Projects/debias/DE-BIAS_Representing_diversity_in_metadata_guidelines.pdf

¹⁴ <https://homosaurus.org/>

¹⁵ <https://culturalheritageterminology.co.uk/>

¹⁶ <https://decolonialdictionary.wordpress.com>

¹⁷ <https://www.yadvashem.org/de/holocaust/lexicon.html>

¹⁸ <https://www.ajc.org/translatehateglossary>

¹⁹ <https://ncdj.org/style-guide/#mentalillnessmentaldisorderlanguageguide>

²⁰ <https://med.stanford.edu/carmichaellab/inclusive-language-approach-for-research.html>

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

Categories for the Description of Works of Art (CDWA), VRA Core, Cultural, Artistic and Archaeological Resources in Europe (CARARE) e Mukurtu. Cada um com enfoques e estruturas próprios voltados à documentação de bens culturais em diferentes contextos.

O Spectrum, do Reino Unido, oferece diretrizes para a catalogação de objetos, abrangendo procedimentos específicos, como a entrada de objetos e regras de catalogação, enquanto o LIDO, da Alemanha, estabelece regras de catalogação e códigos para descrever objetos culturais. De maneira complementar, o CARARE, desenvolvido no Reino Unido, estabelece um esquema de coleta destinado a fornecer metadados sobre coleções online e recursos digitais relacionados a ativos patrimoniais. Dos Estados Unidos, o CDWA é um conjunto de diretrizes para descrever arte, arquitetura e outras obras culturais. O VRA Core é utilizado para descrever obras da cultura visual e as imagens que as documentam. Além disso, o Mukurtu oferece uma alternativa aos esquemas de metadados tradicionais, incluindo campos adicionais, como a narrativa cultural, que enriquecem a descrição dos objetos. Como parte deste estudo, elaborou-se um levantamento dos principais padrões de metadados aplicados à documentação museológica, conforme apresentado na Tabela 1.

Tabela 1 - Levantamento de padrões de metadados museológicos

Padrão de metadados	Logo	Instituição	Categoria	País
CDWA		Getty Research Institute	Padrões de estrutura de dados (esquemas)	
VRA Core		Collections Trust	Padrões de conteúdo de dados (regras de catalogação e códigos)	
Spectrum		Collections Trust	Padrões de conteúdo de dados (regras de catalogação e códigos)	
Carare		Europeana Foundation	[Padrões de conteúdo de dados (regras de catalogação e códigos)]	
Mukurtu		Washington State University e comunidades indígenas	[Padrões de conteúdo de dados (regras de catalogação e códigos)]	
LIDO		Europeana Foundation	Padrões de conteúdo de dados (regras de catalogação e códigos)	

Fonte: elaborada pelos autores (2025)

No contexto brasileiro destaca-se o Inventário Nacional dos Bens Culturais Musealizados (INBCM), instrumento oficial de inserção periódica de dados sobre os bens culturais musealizados que integram os acervos museológico, bibliográfico e arquivístico dos museus brasileiros, coordenado pelo IBRAM, para fins de identificação, acautelamento e preservação, previstos na Política Nacional de Museus, instituído pela Lei no 11.904/2009.

A análise de correspondências (*crosswalk*) constitui uma ferramenta útil para comparar esses esquemas de metadados. O *crosswalk* permite estabelecer relações entre elementos de dados de diferentes esquemas, facilitando a interoperabilidade (Gogina, 2016). Enquanto o *mapping* engloba uma abordagem mais ampla, que inclui a definição de políticas de transformação e a execução das mesmas para garantir a compatibilidade dos dados, o *crosswalk* é caracterizado pela sua representação visual ou tabular, alinhando elementos com funções ou significados semelhantes (Baca, 2016). Existem dois métodos principais: o absoluto, que requer correspondência exata entre os elementos, e o relativo, que permite a associação mesmo sem equivalência semântica plena (Chan; Zeng, 2006). Para atender à necessidade de interoperabilidade entre os diferentes padrões, diversos *crosswalks* têm sido desenvolvidos, como o *Spectrum 5.0 to LIDO 1.0 mapping* (McKenna, 2018), o *Metadata Standards Crosswalk* do Getty Research Institute (2024) e a proposta de *Mapas de metadatos entre CIDOC CRM, VRA Core e CDWA* (González, 2025).

Considerando a diversidade desses instrumentos de catalogação, bem como a relevância de uma abordagem crítica sobre as questões de gênero, raça e diversidade, a Tabela 2, a seguir, propõe uma análise comparativa para identificar como esses temas estão sendo representados.

Tabela 2 - Análise das questões de gênero, raça e diversidade

	Gênero	Observações
SPECTRUM	X	Sex
LIDO	X	Inclui o metadado <i>Gender Actor</i> .
CDWA	X	Inclui o metadado <i>Gender</i> .
VRA Core		
CARARE		Embora inclua o metadado <i>Actors</i> (proveniente do LIDO) não contém o elemento <i>Gender</i> .
MUKURTU		
INBCM		
	Raça	Observações
SPECTRUM		
LIDO		
CDWA	X	<i>Person Nationality/Culture/Race</i> , refere-se às origens ou afiliações nacionais, geopolíticas, culturais ou étnicas da pessoa ou entidade corporativa responsável pela criação da obra. Esse metadado ajuda a contextualizar a identidade do criador em termos de sua origem ou afiliação cultural e geográfica.
VRA Core		
CARARE		
MUKURTU		
INBCM		
	Diversidade cultural	Observações
SPECTRUM		
LIDO		
CDWA	X	No metadado <i>Creator Identity</i> , somente no caso de criadores desconhecidos é que se atribui a cultura, nacionalidade ou associação estilística do criador. Para obras de autoria identificada, o campo deve registrar o nome do indivíduo ou entidade responsável pela criação, de preferência vinculado a uma autoridade de <i>Person/Corporate Body Authority</i> . Em <i>Object/Work Culture</i> , deve ser registrada a cultura, povo ou nacionalidade de origem da obra. <i>Person Nationality/Culture/Race</i> , refere-se às origens ou afiliações nacionais, geopolíticas, culturais ou étnicas da pessoa ou entidade corporativa responsável pela criação da obra. Esse metadado ajuda a contextualizar a identidade do criador em termos de sua origem ou afiliação cultural e geográfica.

Fonte: elaborada pelos autores (2025)

A análise evidencia limitações importantes no tratamento de categorias como gênero, raça, diversidade sexual e pertencimento cultural. Alguns padrões, como o Spectrum, LIDO e CDWA, incluem campos relacionados ao gênero, como *Sex*, *Gender Actor* e *Gender*, respectivamente. No entanto, a terminologia empregada varia bastante e, muitas vezes, apresenta abordagens superficiais ou normativas, limitadas à perspectiva biológica ou sem detalhamentos conceituais.

Outros padrões, como o VRA Core e o CARARE, não apresentam metadados dedicados às questões de gênero ou diversidade, o que demonstra uma lacuna significativa. No caso do CARARE, que depende de ontologias como o CIDOC CRM, embora inclua o metadado *Actors* (proveniente do LIDO) não contém o elemento *Gender*. Já o Mukurtu surge como uma alternativa mais sensível, ao incorporar campos voltados à narrativa cultural e permitir maior controle comunitário sobre a representação dos objetos — um diferencial em relação aos demais. Isso se repete no contexto brasileiro, com o INBCM, que apesar de não ser um padrão internacional formal, é amplamente utilizado e carece de campos dedicados a aspectos identitários como gênero, raça e orientação sexual.

A ausência ou o tratamento frágil dessas categorias indica que, embora haja um reconhecimento crescente da importância da inclusão e da representatividade, os padrões de metadados ainda operam majoritariamente dentro de uma lógica hegemônica e normativa. Assim, a análise reforça a necessidade de uma revisão crítica e propositiva desses instrumentos, com foco na adoção de terminologias mais inclusivas e sensíveis às múltiplas identidades sociais e culturais, promovendo uma documentação museológica mais justa, plural e representativa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos metadados utilizados na documentação museológica revela a necessidade de revisar criticamente os padrões descritivos adotados por museus e instituições culturais. Essa revisão é essencial para que os registros de acervos reflitam de forma mais precisa e justa as múltiplas identidades sociais, culturais e políticas das comunidades representadas. Ao longo da pesquisa, ficou evidente que os sistemas de documentação ainda operam, em grande parte, segundo lógicas normativas e hegemônicas.

Nesse contexto, os vocabulários e diretrizes editoriais desenvolvidos por projetos como o DE-BIAS, e por diversas instituições comprometidas com a equidade e a diversidade, tornam-se ferramentas fundamentais. Essas ferramentas não apenas denunciam os vieses coloniais e eurocêtricos, ainda presentes nas descrições patrimoniais, mas também oferecem alternativas para construir uma linguagem museológica mais inclusiva e sensível.

A adoção de glossários e guias — como o *Words Matter*, o *Homosaurus*, o *The Decolonial Dictionary*, o *Translate Hate Glossary*, e o *Disability Language Style Guide* — oferecem subsídios teóricos e práticos, orientando a criação de descrições que respeitem as diferentes formas de existência e expressão dos sujeitos representados. Além disso, iniciativas como o *Cultural Heritage Network Terminology* e as *Inclusive Language Guidelines* da Stanford University atualizam o campo com parâmetros que promovem a justiça social e a representatividade nas práticas de catalogação.

A ausência de campos específicos para categorias como raça, etnia, identidade de gênero ou orientação sexual nos principais padrões internacionais bem como a normativa do INBCM, reforça a necessidade de revisões aprofundadas. A exclusão dessas categorias perpetua silenciamentos e dificulta o reconhecimento da pluralidade de experiências, saberes e memórias coletivas nos acervos museológicos. Assim, torna-se necessário propor a

incorporação de novos campos e orientações nos sistemas de documentação, que estejam alinhados às demandas contemporâneas de inclusão e à realidade sociocultural brasileira.

Por fim, é importante reconhecer que a linguagem utilizada na documentação museológica não apenas informa, mas constrói sentidos, narrativas e relações de poder. Por isso, o compromisso com uma linguagem inclusiva é também um compromisso com a transformação social, com a reparação simbólica e com o fortalecimento de uma memória coletiva mais justa e plural.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 264 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro).

ANDERSON, Stephanie B. Museums, decolonization and Indigenous artists as first cultural responders at the new Canadian Museum for Human Rights. **Museum & Society**, Leicester, v. 17, n. 2, p. 173-192, jul. 2019. DOI: <https://doi.org/10.29311/mas.v17i2.2806>.

ANTRACOLI, Alexis A.; BERDINI, Annalise; BOLDING, Kelly; CHARLTON, Faith; FERRARA, Amanda. **Archives for Black lives in Philadelphia**: anti-racist description resources, 2020. 36 p. Disponível em: <https://oar.princeton.edu/handle/88435/pr1qf8jj66>. Acesso em: 16 abr. 2025.

ASENSIO BROUARD, Mikel; SANTACANA MESTRE, Joan; FONTAL MERILLAS, Olaia. M. Inclusión en patrimonio y museos: más allá de la dignidad y la accesibilidad. **Her&Mus: Heritage & Museography**, Lleida, n. 17, p. 39-56, out./nov. 2016. Disponível em: <https://uvadoc.uva.es/handle/10324/54304>. Acesso em: 15 abr. 2025.

BARRIENDOS, Joaquín. A colonialidade do ver: rumo a um novo diálogo visual interepistêmico. **Epistemologias do Sul**, Foz do Iguaçu, v. 3, n. 1, p. 38-56, 2019. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/2434/2103>. Acesso em: 15 abr. 2025.

BACA, Murtha. Intro to Metadata. In: BACA, Murtha (ed.). **Introduction to Metadata**. 3. ed. Los Angeles: Getty Publications, 2016. Disponível em: http://www.getty.edu/research/publications/electronic_publications/intrometadata3. Acesso em: 16 abr. 2025.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei no 11.904, de 14 de jan. de 2009**. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial da União, 15 jan. 2009.

BOTTALLO, Marilúcia. Diretrizes em documentação museológica. In: ASSOCIAÇÃO CULTURAL DE AMIGOS DO MUSEU CASA DE PORTINARI. **Documentação e conservação de acervos museológicos**: diretrizes. Brodowski: Associação Cultural de Amigos do Museu Casa De Portinari; São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 2010, p. 48-79.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

CAMARGO-MORO, Fernanda. Da Documentação: Elementos auxiliares para a decodificação e seus instrumentos. *In*: CAMARGO-MORO, Fernanda. **Museu: aquisição-documentação**. Rio de Janeiro, Livraria Eça, 1986, p. 185-217.

CASTRO, Thainá; PADILHA, Renata Cardozo. Documentação museológica e identidade negra: antirracismo e supremacia nas práticas museológicas. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2022, Porto Alegre, 2022. **Anais [...]**. São Paulo: ANCIB, 2022.

CERAVOLO, Suely Moraes; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. Tratamento e organização de informações documentárias em museus. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, v. 10, p. 241-253, 2000.

CHAN, Lois Mai; ZENG, Marcia Lei. Metadata interoperability and standardization: study of methodology, Part I. **D-Lib Magazine**, [Virgínia], v. 12, n. 6, jun. 2006. ISSN 1082-9873. Disponível em: <http://www.dlib.org/dlib/june06/chan/06chan.html>. Acesso em: 16 abr. 2025.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 abr. 2025.

CUESTA SÁNCHEZ, Ana María; PAZOS-LÓPEZ, Ángel. Today's Museum, Tomorrow's Cultural Heritage. Challenges and Leading Actions in Digital Humanities, Networks, and Accessibility. *In*: CUESTA SÁNCHEZ, Ana María; PAZOS-LÓPEZ, Ángel (org.). **Digital humanities for the XXI century museum: best practices, networks, and accessibility**. Paris: Éditions Boleine, 2024. p. 11-21.

DE-BIAS. **DE-BIAS: Decolonizing digital collections to eliminate Biases**. 2025. Disponível em: <https://pro.europeana.eu/project/de-bias>. Acesso em: 14 abr. 2025.

FERREZ, Helena Dodd. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. **Cadernos de ensaios: Estudos de Museologia**, Rio de Janeiro: Minc/lphan, n. 2, p. 64-73, 1994.

FERRIERO, David S. From the Archivist of the United States: valuing equity and diversity, **Archival Outlook**, Chicago, nov./dez. 2021. Disponível em: https://mydigitalpublication.com/publication/?i=728963&article_id=4160556&view=articleBrowser. Acesso em: 23 abr. 2025.

FONSECA, Diego Leonardo de Souza; ZANINELLI, Thais Batista. Modelos conceituais de Gestão do Conhecimento Indígena: uma discussão na Ciência da Informação. **Transinformação**, Campinas, v. 36, e2410685, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/2318-0889202436e2410685>.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

GALLOIS, Dominique Tilkin (org.). **Patrimônio cultural imaterial e povos indígenas: exemplos no Amapá e norte do Pará**. São Paulo: Iepé, 2006. 92 p.

GIBSON, Ryan Collin; CHOWDHURY, Sudatta; CHOWDHURY, Gobinda. User versus institutional perspectives of metadata and searching: an investigation of online access to cultural heritage content during the COVID-19 pandemic. **International Journal on Digital Libraries**, Dordrecht, v. 25, n. 1, p. 105-121, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1007/s00799-023-00385-y>.

GIBSON, Laura. Digitization is not decolonization: South Africa's Amagugu Ethu Museum Project and colonial documentation in digital times. **Museum Worlds: Advances in Research**, Nova Iorque; Oxford, v. 12, p. 31-46, 2024. DOI: <https://doi.org/10.3167/armw.2024.120104>.

GETTY Research Institute. Metadata Standards Crosswalk. *In*: BACA, M.; HARPING, P.; BENOFF, E. (ed.). **Categories for the description of works of art**. Los Angeles: J. Paul Getty Trust, 2024. Disponível em: <https://www.getty.edu/publications/categories-description-works-art/metadata-standards-crosswalk/>. Acesso em: 16 abr. 2025.

GONZÁLEZ-SANZ, Myriam; FELIU TORRUELLA, Maria. Educación patrimonial e identidad: el papel de los museos en la generación de cohesión social y de vínculos de pertenencia a una comunidad. **Cfío: History and History Teaching**, Zaragoza, n. 41, 2015. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5303978>. Acesso em: 15 abr. 2025.

GONZÁLEZ MELLO, Renato. La noción de 'obra' en la catalogación de los objetos artísticos. **Investigación Bibliotecológica: archivonomía, bibliotecología e información**, México, v. 39, n. 103, p. 13-28, 2025. DOI: <https://doi.org/10.22201/iibi.24488321xe.2025.103.58967>.

GOGINA, Inna. The World Digital Library: Metadata Crosswalks. *In*: SEMINAR IN CONTEMPORARY ISSUES: METADATA, 2016, Califórnia. **INFO 281-11**. Califórnia: San José State University, 2016.

HERNÁNDEZ SAMPIERI, Roberto; FERNÁNDEZ COLLADO, Carlos; BAPTISTA LUCIO, Pilar. **Metodología de la investigación**. 6. ed. México, D. F.: McGraw-Hill/ Interamericana Editores, S.A., 2014. 660 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Resolução Normativa nº 6, de 31 de agosto de 2021**. Estabelece diretrizes para a elaboração de planos museológicos. Brasília: IBRAM, 2021.

JONES, Mike; TAYLOR, Rebe. Beyond access: (re)designing archival guides for changing landscapes. **Archival Science**, [Berlim], v. 24, p. 143-166, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10502-024-09441-1>.

KAISER, Katja; MADRUGA, Catarina. **A decision tree for natural history collections: tagging objects from colonial contexts**. Deutsches Zentrum Kulturgutverluste, 2024. DOI: <https://doi.org/10.25360/01-2024-00005>.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

LAGO, Encarna; SÁNCHEZ, Pilar. Museos para todos y todas: el Plan de Género e Igualdad en la Rede Museística Provincial de Lugo. **Her&Mus: Heritage & Museography**, Lleida, n. 16, p. 101-112, out./nov. 2015. Disponível em:

<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5966043>. Acesso em: 15 abr. 2025.

LOPES, Thainá Castro Costa F.; PADILHA, Renata Cardozo; LADEIA, Mayara Lacal Cunha. Acervo e diversidade: em busca de novas metodologias de gestão de acervos. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, v. 61, n. 17, 2021, p. 67-84. Disponível em:

<https://recil.ulusofona.pt/server/api/core/bitstreams/dcab4945-8819-4d5e-b82b-8139f8901df6/content>. Acesso em: 4 abr. 2025.

LOUREIRO, José Mauro Matheus. Esboço acerca da documentação museológica. In: GRANATO, Marcus; SANTOS, Claudia Penha dos; LOUREIRO, Maria Lucia N. M. (org.).

Documentação em suas diversas abordagens. Rio de Janeiro: MAST Colloquia, 2008, v. 10. p. 24-32.

MASSCHELEIN, Anneleen; TRUYEN, Fred; TAES, Sofie; VAN MULDER, Jonas; STYNEN, Andreas; PIREDDU, Roberta. **Bias types and patterns: a typology applied to Europeana use cases**. KU Leuven, 2024. Com revisão e colaboração do consórcio DE-BIAS. DOI:

<https://doi.org/10.5281/zenodo.14514378>.

MARRAS, Anna Maria; MESSINA, Maria Gerolama; MUREDDU, Donatella; ROMOLI, Elena. A case study of an inclusive museum: the National Archaeological Museum of Cagliari becomes "liquid". In: BOROWIECKI, Karol Jan; FORBES, Neil; FRESA, Antonella (org.). **Cultural heritage in a changing world**. Cham: Springer International Publishing, 2016. p. 99-109. Disponível em:

<https://library.oapen.org/bitstream/handle/20.500.12657/28109/1001885.pdf?sequence=1#page=135>. Acesso em: 15 abr. 2025.

MCKENNA, Gordon. **Spectrum 5.0 to LIDO 1.0 mapping**. [S.l.: s.n.], 2018. Collections Trust. Disponível em: <https://collectionstrust.org.uk/resource/mapping-of-lido-to-spectrum-5-0/>. Acesso em: 16 abr. 2025.

MEDDA, Francesca. Gender and queerness at the Victoria and Albert Museum: a case of museum activism? **Museum International**, Londres, v. 76, n. 1-2, p. 46-57, 2024. DOI:

<https://doi.org/10.1080/13500775.2024.2422744>.

MILANO, C.; GUIDA, M. F.; MIGONE, P.; TAES, S.; PIREDDU, R. **A community engagement methodology: resources, reflections, recommendations**. KU Leuven, 2024. Disponível em: https://pro.europeana.eu/files/Europeana_Professional/Projects/debias/a_community_engagement_methodology_resources_reflections_recommendations_v3_july_2024.pdf. Acesso em: 23 abr. 2024.

MOSES, John. Indigenous interventions: museums as sites for rapprochement. **Museums & Social Issues**, Londres, 17 set. 2024. DOI: <https://doi.org/10.1080/15596893.2024.2371161>.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

MODEST, Wayne; LELIJVELD, Robin (eds.). **Words Matter: an unfinished Guide to Word Choices in the Cultural Sector**. Leiden: National Museum of World Cultures, 2018. Disponível em: <https://www.materialculture.nl/en/publications/words-matter>. Acesso em: 15 abr. 2025.

MONTENEGRO, Maria. Subvertendo a universalidade dos padrões de metadados: os rótulos TK como uma ferramenta para promover a soberania dos dados indígenas. **Journal of Documentation**, Bingley, v. 75, n. 4, p. 731-749, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1108/JD-08-2018-0124>.

NASCIMENTO, Marcelle Vieira do. O desafio da representatividade negra nos museus. **Museologia & Interdisciplinaridade**, Brasília, v. 10, n. 20, p. 122-128, jul./dez. 2021. DOI: <https://doi.org/10.26512/museologia.v10i20.33996>.

NATIONAL ARCHIVES. **The Archivist's Task Force on Racism Report to the Archivist**. [S.l.: s.n.], 2021. Disponível em: <https://www.archives.gov/files/news/archivists-task-force-on-racism-report.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2025.

OKAWATI, Juliana Akemi Andrade; KARPINSKI, Cezar. Narrativas indígenas: um caminho decolonial para compreender a memória e informação. **Transinformação**, Campinas, v. 36, e2410646, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/2318-0889202436e2410646>.

OLDENZIEL, Annemien. **Digging beyond the tombstone metadata: a decolonial perspective on how the Rijksmuseum's metadata represents potentially looted art**. 2024. Dissertação (Mestrado em Memória Social) - New Media & Digital Culture, Utrecht University, Utrecht, 2024. Disponível em: <https://studenttheses.uu.nl/handle/20.500.12932/46403>. Acesso em: 15 abr. 2025.

PADILHA, Renata Cardozo. **Documentação museológica e gestão de acervo**. Florianópolis: FCC, 2014. 71 p. (Coleção Estudos Museológicos; v. 2.).

PEREIRA, Pamela de Oliveira. **Novos olhares sobre a coleção de objetos sagrados afro-brasileiros sob a guarda do Museu da Polícia: da repressão à repatriação**. 115 f. 2017. Dissertação (Mestrado em Memória Social) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

PRADO, Marla. **Quais artistas visuais nos museus?: o avanço das artistas mulheres no acervo do MASP**. São Paulo: Editora Dialética, 2023.

REAL LÓPEZ, Inmaculada. Al rescate de los grupos minoritarios: género, migración y racismo en el ámbito patrimonial y museístico. **Her&Mus: Heritage & Museography**, Lleida, n. 23, p. 4-7, 2022. Disponível em: <https://repositori.udl.cat/handle/10459.1/466582>. Acesso em: 2 abr. 2025.

RENSHAW, Chelsea; LIEW, Chern Li. Descriptive standards and collection management software for documentary heritage management: attitudes and experiences of information

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

professionals. **Global Knowledge, Memory and Communication**, Bingley, v. 70, n. 8-9, p. 697-713, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1108/GKMC-08-2020-0129>.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo Estado da Arte em educação. **Revista Diálogo Educacional**, Londrina, v. 6, n. 19, p. 37-50, 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=189116275004>. Acesso em: 19 março 2025.

SIFUENTES, Lirian. Perspectivas interseccionais de gênero, classe e raça: um mapeamento de estudos de Comunicação. **Mídia e Cotidiano**, Niterói, v. 16, n. 3, p. 8-27, set./dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.22409/rmc.v16i3.54630>.

SILVA, Stephanie Cerqueira; MACENA, Isabela Correa; JORENTE, Maria José Vicentini. Museus, gênero e Wikipédia: perspectivas pós-custodiais da Ciência da Informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 31, e-141531, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/1808-5245.31.141531>.

THOMSON, Linda J.; ELSDEN, Esme; CHATTERJEE, Helen J. Volunteering for wellbeing: improving access and social inclusion by increasing the diversity of museum volunteer training for public-facing roles. **Museum & Society**, Leicester, v. 21, n. 1, p. 12-30, mar. 2023. DOI: <https://doi.org/10.29311/mas.v21i1.3786>.

THORPE, Natasha; HAKONGAK, Naikak; EYEGETOK, Sandra; ELDERS, Qitirmiut. **Tuktu and Nogak Project: a caribou chronicle**. Canada: Indian and Northern Affairs Canada, 2001.

VERSIANI, Maria Helena. Preconceito e ignorância na nomeação de acervos museológicos. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - ANPUH, 32., 2023, São Luís. **Democracia e direitos humanos: desafios para uma história profissional**. São Luís: ANPUH, 2023.

WALTER, Margaret; PREHN, Jacob. Indigenous issues, rights, and sovereignty. *In*: GERMOV, John; POOLE, Marilyn (ed.). **Public sociology: an introduction to Australian society**. 5. ed. Abingdon: Routledge, 2023. p. 304-321.

WILLIAMS, Raymond. **Keywords: a vocabulary of culture and society**. New York: Oxford University Press, 1985. 422 p..